

O Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire de F. Buisson (1878-1887 e 1911) Bíblia da escola republicana¹

Patrick Dubois²

Resumo

Concebido em 1876, o *Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction primaire* de Ferdinand Buisson devia inicialmente aparecer em 1878, por ocasião da Exposição universal de Paris, em um único volume de mil páginas. Na realidade, nove anos – de 1878 à 1887 – e 360 autores foram necessários para concluir sua publicação em quatro volumes e 5600 páginas. A chegada ao poder dos republicanos em 1879, a nomeação de F. Buisson para a direção do ensino primário no Ministério de Instrução Pública e as grandes reformas escolares dos anos 1880, contribuíram para o crescimento sem cessar das dimensões da obra. A política de laicização do ensino também provocou o afastamento de colaboradores importantes. *Thesaurus* monumental, em língua francesa, do ensino primário e de sua pedagogia, a obra traz também, no seu cerne, as marcas da guerra escolar entre as elites republicanas e católicas.

Palavras-chave: Instrução primária, F. Buisson.

Résumé

Conçu en 1876, le *Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction primaire* de Ferdinand Buisson devait primitivement paraître en 1878, à l'occasion de l'Exposition universelle de Paris, en un volume unique d'un millier de pages. En réalité, neuf années – de 1878 à 1887 – et 360 auteurs ont été nécessaires pour venir à bout de sa publication en quatre volumes et 5600 pages. L'arrivée au pouvoir des républicains en 1879, la nomination de F. Buisson à la Direction de l'enseignement primaire au ministère de l'Instruction publique et les grandes réformes scolaires des années 1880 ont contribué à accroître continûment les dimensions de l'ouvrage. Mais la politique de laïcisation de l'enseignement a aussi provoqué le départ de collaborateurs importants. *Thesaurus* monumental en langue française de l'enseignement primaire et de sa pédagogie, l'ouvrage porte aussi, dans sa chair même, les marques de la guerre scolaire entre les élites républicaines et catholiques.

Mots-cles: Instruction primaire, F. Buisson.

¹ Artigo traduzido por Maria Helena Camara Bastos (PPGEDU-ULBRA e PPGEDU-UFRGS). Revisado por Ceres Prado (UFMG) e Ellen Garber.

² Maître de conférence IUFM de Bourgogne.

Les Roches-Topaze, 17, rue Grange St-Pierre, 71850 Charnay-lès-Mâcon

e-mail : patrick.dubois7@wanadoo.fr

Nos anos 1880, as leis escolares republicanas colocadas em cena na França, por Jules Ferry e seus sucessores, foram precedidas e acompanhadas por um vasto movimento de opinião em favor do desenvolvimento da instrução no país.¹ Depois do enfrentamento militar à Sedam - em 1870 contra a Prússia - e da tragédia da Comuna de Paris em 1871, muitos pensaram que a extensão da escolarização pela obrigação, a gratuidade escolar e a reforma pedagógica seriam uma das condições de reconstrução do país. Se o afrontamento entre as elites católicas e republicanas em torno da laicização da escola popular - o ensino primário - foi uma das questões principais e bem conhecidas do debate escolar destes anos, o conjunto das questões relativas à instrução popular - seus fins e meios, sua história e sua legislação, seu desenvolvimento nos países estrangeiros e no território francês, etc. - suscitaram uma proliferação de artigos e obras destinadas não só aos profissionais do ensino primário mas também, mais extensamente, aos "amigos da instrução", a quem a educação do povo não deixava indiferentes. Muitos destes textos não sobreviveram por muito tempo na memória coletiva. Alguns entre eles, no entanto, foram beneficiados por um sucesso muito mais durador. Num primeiro lugar, entre eles, figura incontestemente o admirável *Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction primaire* de Ferdinand Buisson, cuja história editorial, contemporânea da instalação das instituições republicanas na França, sem dúvida oferece um testemunho precioso e também algumas marcas profundas das lutas políticas do período em torno da escolarização da infância popular.

Publicado pela Hachette de 1878 à 1887², reeditado em 1911, em uma edição revista, a obra é com razão considerada "lugar de memória" da Terceira República escolar³, *thesaurus* erudito e entusiasta do ensino popular e de sua pedagogia no fim do século XIX e nos primeiros anos do século seguinte. "O *Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction primaire* de M. Buisson, escreve um professor em 1883, resume todas as obras já feitas e antecipa a todas aquelas que serão feitas". "Um monumento", acrescenta ele.⁴ Este "monumento" de quatro volumes, na sua primeira edição, totalizando 5.600 páginas de duas colunas impressas em pequenos tipos, reúne em milhares de verbetes distribuídos em duas partes o conteúdo enciclopédico da instrução primária e também da educação geral.

¹ Este artigo retoma parcialmente a introdução do *Répertoire des collaborateurs du Dictionnaire* de Buisson, de minha autoria, a ser publicado pelo INRP/França.

² Primeiro foi publicado em fascículos bimensais de duas folhas de impressão, com 32 páginas; depois, à medida de sua finalização, em volumes.

³ Conforme o artigo pioneiro de Pierre Nora: "Le *Dictionnaire de pédagogie* de Ferdinand Buisson, cathédrale de l'école primaire". In: Nora (P.), *Les lieux de mémoire*, tome 1. *La République*, Gallimard, 1984, pp.353-378.

⁴ *Manuel général*, 1883, pp. 126 et 128.

Julgemos por nós mesmos : uma primeira parte em dois volumes, dita “ geral ” ou “ teórica”, reúne várias obras em uma só, organizada pelo acaso da ordem alfabética . Encontram-se uma exposição completa da legislação primária, com inúmeros artigos redigidos ainda “ quentes ”, no momento mesmo em que, na Câmara de Deputados e no Senado, as questões escolares estavam sendo discutidas asperamente ; uma apresentação detalhada das legislações e realidades educativas de todos os países “ civilizados ” do globo – e de suas colônias – nas quais o esforço do ensino é acompanhado de balanços oficiais e de estatísticas⁵ ; uma história erudita da educação e das práticas de ensino - com longas monografias consagradas a todos os departamentos franceses, às antigas províncias, aos grandes debates sobre instrução na França nos diferentes regimes depois da Revolução, à educação dos povos antigos – atenienses, espartanos, romanos, árabes, etc. ; e mais de 600 notícias biográficas, que resgatam para o leitor todo um grupo de educadores, de escritores pedagógicos, de fundadores de instituições, de administradores ou de filantropos ligados à causa do ensino popular, na França e no estrangeiro ; um magistral tratado de pedagogia teórica e de política escolar, que expõe os princípios de filosofia política que interferem na reorganização republicana da instrução do povo, e os contornos de uma pedagogia “ racional ” ou “ moderna ” adaptada às suas necessidades. Há, ainda, mais de 150 verbetes de pedagogia prática, que tratam da organização material e pedagógica do ensino primário, dos ensinamentos “ especiais ” - crianças cegas, surdos-mudos, etc. -, do material escolar e dos processos de ensino.

Folheando algumas páginas ao acaso - página 617 -, encontramos o verbete “ Criminalidade ”, de Emile Levasseur, membro do Instituto⁶, que estuda as formas de delinquência e o nível de instrução em 1876 ; logo após, o verbete “ Crítica ”, redigido por Buisson, que defende a educação das faculdades críticas dos futuros professores nas escolas normais ; depois um verbete “ Crousaz ”, que evoca a figura de um pedagogo suíço do século XVIII, Jean-Paul Crousaz e o verbete “Crouzet”, um educador francês do mesmo século ; em seguida, um verbete curto, “ Crucifixo ”, que lembra,

⁵ Um verbete redigido por Buisson, com 164 linhas consagrado ao Brasil, apareceu, em setembro de 1878, no décimo-sexto fascículo da obra. Buisson lamenta que “ a história e o estado atual da instrução popular neste vasto império ”, onde o imperador D. Pedro II, “ espírito liberal e esclarecido ”, “ não se tem descuidado em estimular a instrução ”, ainda muito pouco conhecida, resultado de sua ausência nas grandes exposições universais, Para resumir o estado do ensino, se apoia nos *relatórios* anuais dos Ministros de Interior e na legislação. Outros artigos “ Agricultura ”, “ Autoridades escolares ”, “ Bibliotecas públicas ”, “ Diploma ”, “ Ministério ”, “ Normais (escolas) ”, “ Obrigação ”, “ Periódicos ”, “ Religião (ensino de) ” evocam também a situação política e escolar do país. Enfim, em 1911, na Segunda edição da obra, reduziu a um só volume, um artigo “ Brasil ” inédito de 311 linhas substitui o artigo de 1878, caduco desde então.

⁶ Fundado em 1795, o “ Institut de France ” é composto de cinco academias: Académie française, Académie des inscriptions et belles lettres, Académie des sciences, Académie des beaux-arts e Académie des sciences morales et politiques, onde E. Levasseur é membro desde 1868.

que nesta parte da obra editada em 1880, o regulamento em vigor das escolas, redigido em 1851, exige “que um Cristo seja colocado na sala de aula, diante dos alunos”; depois, nos verbetes seguintes, são tratadas as escolas de cozinha inglesas e americanas⁷, as interdições de acúmulo de salário dos funcionários⁸, o papel dos padres no ensino⁹ - segundo a lei então em vigor, de 15 de março de 1850, que reconhece à Igreja o direito de vigilância sobre o ensino primário; um artigo de Buisson sobre a importância da “curiosidade” infantil¹⁰. Acabamos de examinar doze páginas, finamente impressas sobre duas colunas de 78 linhas, desta parte da obra que compreende 3100.

No mesmo formato, a segunda parte do *Dictionnaire* anuncia a ambição de ser uma verdadeira “enciclopédia prática de conhecimentos necessários ou úteis ao professor primário e ao professor da escola normal”. Desenvolve em 2.500 páginas e em mais de oitocentos verbetes muito vezes abundantes, a matéria de aproximadamente trinta disciplinas diferentes – agricultura, botânica, química, cosmografia, história, geografia, economia, política, literatura, etc. –, que são assinadas por especialistas da vulgarização pedagógica e por autores beneficiados de uma real notoriedade – intelectuais, acadêmicos, universitários, professores do Museu de História Natural, etc. Abrindo o *Dictionnaire* ainda ao acaso, encontramos no início da letra H o vocábulo “hábito”, onde o filósofo Ludovic Carrau disserta sobre o seu papel no comportamento humano; logo após, nos é dada a lista de soberanos da dinastia “Habsburgo”; depois, um naturalista apresenta em quatro colunas os diversos tipos de vermes de “helminthes” – lisos, fitados ou cilíndricos; três novas colunas, a seguir, enumeram os principais soberanos com nome “Henrique”, na Alemanha, Inglaterra e França; eles são seguidos de uma monografia de Maurice Wahl, professor efetivo de História na Algéria, consagrada ao mais célebre dentre eles na França, o rei Henri IV, cujo famoso Édito de Nantes protegeu durante um século os protestantes do reino; em seguida vem o verbete “Heresia”, assinado pelo pastor protestante liberal Albert Réville, primeiro titular da cadeira de História das Religiões no Colégio de França, e um longo verbete “Hieroglifos” de quatro páginas, do egiptólogo Gaston Maspero, também professor no Colégio de França. Vemos que a ordem alfabética das entradas impõe ao leitor as aproximações mais insólitas; mas também dispõe de uma sinalização que lhe permite reconstituir a ordem lógica dos saberes apresentados na obra: no alto de cada verbete, encontra-se a indicação do

⁷ Art. “Cuisine (écoles de)”.

⁸ Art. “Cumul”.

⁹ Art. “Curé”.

¹⁰ Art. “Curiosité”.

curso em que a disciplina aparece, e o leitor pode assim retornar ao artigo geral desse curso, no qual um plano detalhado de lições reintegra em uma mesma cadeia lógica o conjunto de verbetes do curso dispersos na obra.

Para melhor conduzir esta empresa editorial, F. Buisson teve de fazer apelo a numerosos colaboradores. Ao encerrar a publicação da primeira edição, em 1887, são 359 colaboradores para auxiliar a redação de 2.600 verbetes, à frente dos quais está o secretário de redação James Guillaume, autor de numerosos verbetes não assinados. Em 1911, 92 novos redatores contribuem para a redação da obra. É um grupo abundante de redatores, com funções e status sócio-profissional variado: personalidades eminentes do mundo acadêmico e científico ao lado de professores de faculdades parisienses ou da província; funcionários, altos ou subalternos, da administração central da Instrução pública; inspetores gerais - acadêmicos, primários, professores do ensino secundário, diretores da escola normal, professores primários, editores pedagógicos, correspondentes estrangeiros, etc. A equipe redacional do *Dictionnaire* é na primeira edição da obra, pelas afinidades ou pertencimentos políticos, filosóficos e religiosos, diversificada pelas posições profissionais e sociais - um certo número de autores são católicos, entre eles um abade inspetor de academia¹¹; outros são protestantes¹², freqüentemente liberais¹³, mas não sempre¹⁴; outros ainda israelitas¹⁵, espiritualistas deístas ou livre-pensadores declarados¹⁶; muitos são republicanos, sem nenhuma dúvida, muitas vezes moderados, próximos de Jules Ferry ou de Gambetta¹⁷; alguns conservadores¹⁸, mas por vezes também muito avançados, como Paul Robin ou o próprio James Guillaume, antigo dirigente anarquista da Federação jurassiana (do Jura) da Internacional Socialista; mas há também no meio deles autores profundamente hostis à política republicana de secularização do ensino, como os antigos reitores Louis Maggiolo e Pierre Fayet ou como o conde Eugène Fontaine de Resbecq, antigo sub-diretor do ensino primário do Ministério da Instrução Pública; também se encontra um deputado monarquista¹⁹, que se senta com os bonapartistas - o antigo chefe do

¹¹ Victor Hébert-Duperron.

¹² Gérard (A.), *Le rôle des pédagogues protestants: l'exemple du Dictionnaire pédagogique*, dans *Les protestants dans les débuts de la Troisième République* (A. Encrevé et M. Richard, dir.), Paris, S.H.P.F., 1979.

¹³ Os chefes de fileira do protestantismo liberal, Félix Pécaut, Jules Steeg, Albert Réville, Edmond Schérer, Timothée Colani colaboraram no *Dictionnaire*.

¹⁴ Por exemplo, Louis Massebieau, professor na Faculdade de Teologia protestante de Paris.

¹⁵ Os grandes rabinos Astruc et Kahn.

¹⁶ Ch. Delon, os irmãos Elie et Elisée Reclus, P. Robin,...

¹⁷ P. Bert, M. Berthelot, Ch. Bigot, P. Foncin, são próximos de Gambetta.

¹⁸ E. Beaussire, E. Laboulaye, ...

¹⁹ E. Rendu

gabinete do conde de Falloux²⁰, que prepara ativamente a lei conservadora de 15 de março de 1850²¹, mas igualmente de antigos partidários da Comuna de Paris²²; de filósofos espiritualistas²³ - ao lado de outros, precisamente hostis ao espiritualismo²⁴, etc.

Sem dúvida, podemos ver neste ecletismo a marca das convicções liberais do diretor da publicação, F. Buisson²⁵. Podemos também atenuar o alcance desse ecletismo sublinhando o engajamento comum destes diversos autores em favor do desenvolvimento do ensino popular na França, onde o “desastre” de Sedan - e mesmo, para a grande parte deles, os dois desastres próximos de Sedan e da Comuna - haviam mostrado a sua urgência. Entretanto, se se quer compreender a formação desta equipe redacional na sua diversidade sócio-profissional e a sua miscelânea ideológica, é preciso ultrapassar estas explicações gerais e voltar às circunstâncias singulares da publicação da obra.

Na verdade, no momento da assinatura do contrato em 1876, Ferdinand Buisson tinha apenas ambições relativamente reduzidas para seu *Dictionnaire* - um volume único de um milhar de páginas, a enviar ao editor em janeiro de 1878. As paixões em torno da escola não tinham ainda sido desencadeadas, e ele mesmo não dispunha de um capital de relações de que iria beneficiar-se a partir de 1879, na Direção do Ensino primário. Quando lança o projeto de seu *Dictionnaire*, ele tinha principalmente a necessidade de - ao lado de alguns escritores de prestígio que ajudassem na promoção da obra - auxiliares competentes no seu domínio próprio e, sobretudo, suficientemente disponíveis para entregar muito rapidamente um grande número de verbetes. Portanto, uns quarenta autores deviam provavelmente fazer o trabalho²⁶. A partir de 1876-1877, uma primeira equipe de autores tinha sido acionada: para a história do ensino, principalmente o antigo reitor Louis Maggiore, auxiliado nas notícias biográficas menores pelos professores primários Auguste Demkès e Simon Maire, redatores regulares do *Manuel général*; para a história do

²⁰ Ch. Jourdain

²¹ Depois dos tumultos populares de junho de 1848, da eleição para a presidência de Louis-Napoléon Bonaparte e do sucesso dos conservadores nas eleições de maio de 1849, uma lei de ensino é votada em 15 de março de 1850 (lei “Falloux”): para o ensino primário, ela favorece as congregações religiosas e organiza uma estreita vigilância dos professores laicos; a instrução moral e religiosa é colocada no alto das matérias a ensinar.

²² Eugène Dacosta, Paul Martine, Elie e Elisée Reclus

²³ L. Carrau, G. Compayré, G. Dumesnil, H. Marion.

²⁴ A. Espinas, T. Ribot.

²⁵ “A obra coletiva que nós empreendemos deixa a cada um dos colaboradores que se associa toda a liberdade, como toda a responsabilidade de suas opiniões”. (*Avertissement* junto ao contrato de 6 julho de 1876).

²⁶ Se consideramos o contrato de 6 de julho, que estipula (art. 10) que os editores remeterão à Buisson “quante exemplares da primeira edição para seus colaboradores”.

pensamento pedagógico, Gabriel Compayré, convidado a discutir, em diversas entradas do *Dictionnaire*, os temas de seu livro *Histoire critique des doctrines de l'éducation en France depuis le 16ème siècle*, recém concluído; para a legislação e a administração do ensino primário, Eugène Fontaine de Resbecq, antigo subdiretor do Ensino primário, assitido por Léo Armagnac, subchefe de gabinete do Ministério; para a pedagogia prática do ensino primário, inspetores primários do Sena e redatores do *Manuel général*; para a situação do ensino popular nos países estrangeiros, correspondentes solicitados no local; para o estado da instrução primária nos departamentos, eruditos locais ou inspetores, acadêmicos ou primários; quanto à doutrina pedagógica, Buisson reservou a si mesmo provavelmente a redação de um grande número de verbetes²⁷, que alguns autores dotados de títulos de consagração universitária - como os membros do Instituto M. Bréal, O. Gréard, Ch. Jourdain ou F. Ravaisson - completaram.

Mas, rapidamente, as circunstâncias de sua publicação modificaram profundamente a composição desta equipe redacional inicial. Em primeiro lugar, não somente os prazos inicialmente previstos para a conclusão do *Dictionnaire* - janeiro de 1878, em vista da Exposição Universal em Paris - não foram respeitados. Nesta data, nenhum fascículo havia ainda aparecido, pois só no mês seguinte os primeiros foram colocados à venda. A partir deste momento, a obra havia, além disso, modificado suas dimensões: 1600 páginas previstas - no lugar de mil, inicialmente -, repartidas em dois volumes. Depois, durante a publicação, elas não cessaram de crescer: 3.200 páginas em 1879, 4.000 no ano seguinte e 5.600 páginas na finalização da obra. Sem dúvida a dinâmica interna de todo projeto enciclopédico - conhecemos o precedente famoso que foi a publicação do dicionário de Emile Littré - contribuiu para esta expansão contínua do formato da obra. Mas outras razões tiveram efeito decisivo. Houve modificação - ocorrida muito cedo, talvez no curso do ano de 1877 - do projeto primitivo da obra, que a fez evoluir de uma maquete próxima da literatura pedagógica periódica a uma fórmula enciclopédica imitada dos grandes dicionários estrangeiros, a que Buisson ambicionava igualar. Esta transformação, por sua vez, das dimensões e do *standing* da obra conduziu a associar à equipe inicial autores mais especializados e com mais títulos universitários²⁸ - é particularmente o caso para a segunda parte, dita "enciclopédica", do *Dictionnaire*. Perto de 90% dos artigos são assinados²⁹. Seus principais

²⁷ P. Dubois, "Le Dictionnaire de F. Buisson et ses auteurs (1878-1887)", *Histoire de l'éducation*, n°85, janvier 2000, pp. 35-39.

²⁸ Dubois (P.), *op.cit.*, 2000, pp.25-47.

²⁹ Sobre os 836 artigos desta parte, somente 94 não foram assinados. São notícias pequenas, compilações retiradas de bancos de dados construídos a partir de enciclopédias existentes, francesas ou estrangeiras, mas também de sínteses muito originais. James Guillaume foi provavelmente o redator.

redatores são os professores de faculdade ou de liceu – principalmente parisienses –, autores de manuais para o ensino secundário ou secundário especial, publicados notadamente pela Hachette³⁰. Eles puderam, então, sem esforço entregar em prazos muitos curtos um grande número de artigos, ajustando suas publicações anteriores às necessidades do ensino primário, que o próprio Buisson, no seu *Dictionnaire*, havia de início concebido sobre o modelo do ensino secundário especial. Isso explica que esta parte da obra que na origem deveria ser publicada no mesmo ritmo da outra, tenha sido em realidade concluída muito mais cedo, a partir de 1882.

Mas é evidentemente que o contexto político da publicação do *Dictionnaire* alterou mais fortemente a idéia inicial, notadamente para a preparação da primeira parte : a partir de fevereiro de 1879 – a letra C está em curso de publicação –, com a formação de um gabinete republicano e a nomeação de Jules Ferry para a Instrução Pública, reúne as condições de um reforma em profundidade da instrução popular, esperada por setores avançados da opinião pública. A nomeação de F. Buisson ao posto-chave da reforma, à Direção do ensino primário, não mudava talvez o estatuto jurídico do *Dictionnaire*, que permanecia uma obra privada, mas sem nenhuma dúvida modificou a dimensão simbólica : ele será *de facto*, no curso da publicação, um dos porta-vozes autorizados da nova legislação escolar e da reforma pedagógica que a acompanhava - situação singular que Jules Simon comentava com ironia quando da finalização da obra, estabelecendo um paralelo entre o *Dictionnaire* de Buisson e a *Géographie universelle* de Mentelle, publicada a partir de 1803. Mentelle, notava ele, foi um cartógrafo infeliz : quando desenhou para seu grande livro uma bela carta da Europa, Napoleão pôs por terra modificando todos os seus traços. O *Dictionnaire de pédagogie* conheceu um destino editorial análogo, com a diferença de que Buisson, ele mesmo, está na primeira linha ao lado do ministro, para mudar a legislação e a pedagogia do ensino primário e contribuir, assim, para prescrever numerosos artigos já publicados de seu *Dictionnaire*³¹ !

Esta importância posteriormente adquirida pela obra e, em consequência, suas dimensões continuamente crescentes impuseram – e ao mesmo tempo atraíram – um afluxo de colaborações novas. Em primeiro lugar, devido às suas funções no ministério, Buisson mesmo não está mais disponível para redigir um grande número de verbetes³². Para escrever no

³⁰ É por exemplo o caso de C'est par exemple le cas de D. Blanchet, A. Bougueret, E. Burat, J. Dussouchet, M. Girard, P. Lehugeur, Ch. Marty-Laveaux, G. Merlet, F. Oger, H. Pigeonneau ou C. Rouzé.

³¹ *Journal des débats*, 20 mai 1887.

³² É nas primeiras letras da obra que os artigos pedagógicos redigidos por Buisson são os mais numerosos. A partir de abril de 1882 (letra E), as notícias de pedagogia geral são confiadas a seus colaboradores ; à exceção das entradas " *Intuition* ", " *Père* " e " *Prière* ", as contribuições de Buisson daí por diante relativas

Dictionnaire a doutrina da educação “moderna” e a da escola popular “republicana”, foi substituído pelos ensaístas pedagógicos próximos do protestantismo liberal – Félix e Elie Pécaut, Jules Steeg, Mathieu-Jules Gauffrès, Franck Le Savoureux – ou pelos filósofos espiritualistas - Gabriel Compayré, Henri Marion et Georges Dumesnil. Mas outras deserções individuais também retardaram a realização desta primeira parte : a morte do professor primário Auguste Demkès aos 49 anos, em maio de 1877, privou o *Dictionnaire* de uma colaboração promissora pois, antes mesmo da venda das primeiras folhas, ele já havia redigido 21 notícias históricas - todas publicadas entre fevereiro de 1878 e janeiro de 1880 ; a do seu colega Simon Maire, falecido aos 30 anos em 1884 e autor de 15 artigos de história do ensino e da pedagogia prática, igualmente tirou um auxiliar precioso da equipe de redação³³ ; do mesmo modo, a interrupção súbita da colaboração de todo o primeiro plano que havia produzido Léo Armagnac nas primeiras letras da obra (104 verbetes, dos quais 101 publicados entre fevereiro de 1878 e julho de 1882), devido à sua promoção - a partir de março de 1882, para a chefia dos gabinetes ministeriais, o que lhe deixava indisponível para a tarefa redacional que havia assumida até então - pode também ter contribuído para atrasar a publicação desta parte da obra³⁴.

Mas outras deserções ainda podem ter prejudicado o tempo de trabalho de preparação dos verbetes - especialmente as dos antigos reitores Louis Maggiolo e Pierre Fayet, ou do antigo subdiretor do ensino primário Eugène de Resbecq : todos eram muito próximos do ensino das congregações religiosas e hostis aos projetos republicanos de secularização do ensino. Sua colaboração, importante nos primeiros fascículos da obra, cessa bruscamente em 1881-1882. Eles foram, e outros com eles³⁵, pouco a pouco substituídos por outros autores dedicados às reformas republicanas. Mas, por estas modificações da equipe redacional inicial durante o curso de publicação, o *Dictionnaire* não somente “reflete” como deixa entender, no seu postfácio de 1887, os diferentes momentos de uma história institucional e política “quente” se desenvolvendo no exterior dele. Esta história atravessa seu próprio cerne, impondo na obra as disparidades iniciais imprevisíveis.

aos princípios políticos da instrução popular republicana principalmente (“*Ensino primário*”, “*Instrução pública*”, “*Laicidade*”, etc.)

³³ Não conhecemos a data de morte de todos os colaboradores, mas podemos assegurar que 33 entre eles – perto de 10% do total – são falecidos quando a obra está em curso de publicação. É possível que muitos deles tenham sido solicitados para outras contribuições - que os artigos publicados sob seu nome -, e que o desaparecimento de alguns colaboradores colocou à Direção da publicação alguns estorvos.

³⁴ Sobre estes atrasos, Dubois (P.), *Le Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire de F. Buisson. Unité et disparités d'une pédagogie pour l'école primaire (1876-1911)*, thèse présentée devant l'Université Lumière-Lyon 2, 1994, pp.51-61.

³⁵ Por exemplo, o inspetor geral Léon Lescœur, o abade Hébert-Duperron, os filósofos Charles Jourdain e Félix Ravaisson, que não puderam mais entregar muitos artigos depois de 1881.

Assim, nos primeiros fascículos da obra, publicados sob o regime escolar da lei de 15 de março de 1850, alguns artigos desenvolvem os conteúdos doutrinários ainda próximos daqueles dos manuais para a escola pública confessional do Segundo Império. É o caso dos artigos “Bíblia” e “Coração”, redigidos por Victor Hébert-Duperron, inspetor da academia nomeado para Caen sob o Segundo Império, quando sua participação no *Dictionnaire* é solicitada (em 1876 ou 1877). Seus artigos se inscrevem na tradição da pedagogia católica: a formação moral prima sobre todos os outros ensinamentos; ela é inseparável de uma educação religiosa: “A Bíblia deve ser a base da educação... Não privamos (a escola) as crianças deste tesouro, eles necessitam dela para se dirigir na juventude, eles necessitarão durante toda a sua vida para resistir às seduções, para suportar as provas, para se elevar à dignidade moral” (189B, 191 A, cf. também o artigo “Coração”, 418 B). Ora, Buisson tinha por outro lado confiado a Hébert-Duperron outros artigos, ao menos os artigos “Sensibilidade” e “Sentimentos” (este último evoca o artigo “Coração”), nos quais ele se propunha estabelecer “uma classificação das emoções afetivas, desde o amor filial... até o amor do ideal e do divino, fonte inesgotável das artes, das ciências e da religião” (DP1 419 A). Estes artigos não foram jamais escritos – ou não foram publicados. O artigo “Sensibilidade, sentimento”, que os substitui, aparece em 1886 com a assinatura de um outro colaborador, e exprime as convicções claramente anticlericais, senão anti-religiosas³⁶.

Disparidade análogas afetam a historiografia do *Dictionnaire*. Nos primeiros fascículos, aparecidos entre fevereiro de 1878 e maio de 1882, 53 artigos relativos à história do ensino na França antes de 1789 têm a assinatura de Louis Maggiolo, inspetor de academia depois reitor sob o Segundo Império. Colocado em aposentadoria antecipada pelo ministro Jules Simon em 1871, ele, que é também historiador local erudito, solicita em 1877 uma missão ministerial consagrada ao estudo do ensino primário em toda a França antes da Revolução. Ela vai mobilizar o concurso de 16.000 professores primários através de toda a França³⁷. Seus artigos no *Dictionnaire* lhe oferecem então a ocasião de aproveitar a abundante documentação que dispõe. É talvez por esta razão que Buisson solicitou sua

³⁶ Na França, durante os dois últimos séculos, os professores da juventude desejaram fazer ovelhas para a Igreja e sujeitos para o rei. De todo o sistema de pedagogia moral em vigor até os nossos dias... A perspectiva de triunfos celestes, destes suplícios infernais que não cessam de mostrar às crianças como consequência dos triunfos e dos castigos escolares, portam o paroxismo suas cobiças e seus terrores... O objetivo a que se propõe hoje em dia os educadores diferem completamente daqueles que seguiam nossos antepassados. Nós queremos formar os homens de coração direito e de uma vontade firme, moderada, refletida, previdente, aptas, em uma palavra, a se governar eles mesmos e não serem governados por outros” (2766 B – 2767 A)

³⁷ Sua investigação será criticada em 1881 pelos membros da comissão de estatística do ensino primário do Ministério, que denuncia um “pré-julgamento hostil à obra da revolução” (N. 71/AJ/14)

colaboração em 1876 ou 1877, pois conhecia alguns de seus trabalhos e, nesta data, os apreciava³⁸.

Mas os artigos de Maggiolo são sustentados por uma convicção, expressa aqui e ali, de que o ensino popular na França monárquica tinha prosperado, graças à direção dinâmica e benevolente da Igreja, a solicitude das autoridades civis e as iniciativas generosas dos fundadores de instituições; e a convicção de que a Revolução, particularmente a partir de 1792, devastou por muito tempo este precioso patrimônio; de que o ensino congregacionista do século XIX, enfim, procura com devotamento e eficácia a mesma missão caritativa de instrução e de educação da infância popular³⁹. Este discurso historiográfico anti-republicano só poderia entrar em conflito com as convicções da elite republicana, especialmente com a ala mais avançada dela, próxima dos ideais socialistas, representada notadamente no *Dictionnaire* por James Guillaume, o secretário de redação. A partir de maio de 1882 (letra F), esta historiografia de inspiração católica desaparece do *Dictionnaire*.

Para levar a termo a publicação desta primeira parte da obra - terminada em fevereiro de 1887 - quase 5 anos após a segunda, 263 autores foram então necessários - dos quais apenas um terço tinha sido previsto na origem⁴⁰. Entretanto, os artigos assinados só constituem uma pequena metade do número total dos artigos desta parte⁴¹. Os outros são, por direito, atribuídos a Buisson - a "direção" do *Dictionnaire* - mas, de fato, foram provavelmente redigidos no essencial pelo secretário da redação, James Guillaume⁴². Filho de um industrial relojoeiro republicano de Neuchâtel, militante revolucionário e fundador da Internacional de Locle em 1866, James Guillaume conheceu Buisson em Neuchâtel em dezembro de 1868, quando este empreende sua campanha contra a ortodoxia protestante através de uma série de conferências sobre o ensino de História santa nas

³⁸ Ele menciona, em um artigo aparecido em fevereiro de 1878, as "belas conferências pedagógicas de M. Maggiolo na Sorbonne sobre os cursos de adultos", publicados em 1868 (DP 25 A)

³⁹ "De 1790 à 1802, a condição das escolas e dos professores é deplorável: o passado é destruído, o presente é estéril apesar dos discursos e dos projetos de Lakanal... Principalmente após a Restauração, nós vemos renascer nos departamentos o zelo pela fundação ou reorganização das escolas" ("Ariège", 11B); "Ele não tinha esquecido as lições de seu mestre de escola, ele se recorda do estado próspero da instrução no seu departamento... Também ele repugna as doutrinas e as teorias revolucionárias, elas as combateram com uma eloquente convicção" ("Boulay de la Meurthe", 270 A); "Durante a Revolução, as escolas públicas se fecham, mas as escolas privadas se multiplicam, sobretudo no campo, onde os padres que recusaram prestar juramento à Revolução Francesa, quando é proclamada a Constituição civil do clero em 1790, encontram um asilo" ("Charente", 366 B), etc.

⁴⁰ Só 82 entre eles figuram na primeira lista publicada dos colaboradores, em 1878. Dubois (P.), *op. cit.*, 2000, pp.46-47.

⁴¹ 949 entradas são assinadas, sobre um total de 1840.

⁴² Sobre o papel de James Guillaume, Villeumier (M.), "James Guillaume, sa vie, son œuvre", dans *L'Internationale, documents et souvenirs*, Genève, Grounauer, 1980, pp. I-LVII; et Nora (P.), *op. cit.*

escolas primárias. Em 1877, Buisson tinha convencido Guillaume a ajudá-lo na preparação de seu *Dictionnaire* e, em breve, a ir para Paris, para assumir oficiosamente e depois oficialmente, quando da nomeação de Buisson ao ministério, as funções de secretário de redação⁴³. Chega a Paris em primeiro de maio de 1878, dia da abertura da Exposição internacional; é contratado pela Hachette; e será, durante dez anos, o colaborador principal de Buisson, a “cheville ouvrière⁴⁴” do *Dictionnaire*, como amava dizer. Logo, partilha com Buisson todas as sujeições impostas pela preparação da obra: o estabelecimento definitivo da lista das entradas, a medida que as folhas eram publicadas, a redação das notícias menores, a correspondência com os autores, a leitura e a preparação dos manuscritos, a tradução de contribuições enviadas pelos correspondentes estrangeiros, a expedição das cópias ao editor, a recepção e releitura das provas, o envio das provas aos autores, etc. Quando nomeado para a direção do Ensino Primário, Buisson jamais esqueceu totalmente seu *Dictionnaire*, pondo-se a par nas refeições com Guillaume, desde que pudesse escapar do ministério para encontrar-se com ele que, enquanto comia, lhe lia o último manuscrito recebido e preparava o trabalho do dia seguinte⁴⁵. Mas é provável que o essencial do fardo administrativo e editorial pesou sobre os ombros de James Guillaume. Ora, ele, desde 1877, havia aceito – ou proposto – escrever para o *Dictionnaire* preciosas contribuições, principalmente acerca da pedagogia alemã, das legislações escolares estrangeiras e da história escolar da Revolução⁴⁶. A maioria dos verbetes sobre isso são assinados por ele ou, quando não é o caso, o serão em 1911. Mas a sua participação efetiva na redação da obra deveria rapidamente se estender além dos temas de sua predileção. É verdade que ele mesmo redigiu a maioria dos artigos não assinados que Buisson não tinha ainda escrito em 1879. Entre eles, além das inúmeras notícias históricas menores ou biográficas (que muitas vezes obrigaram Guillaume a pesquisas eruditas – o *Dictionnaire* porta esse traço -, especialmente aquelas que foram vãs ou que fizeram aparecer alguma singularidade bibliográfica⁴⁷), pode-lhe ser atribuída a redação de

⁴³ “Eu lhe propus, depois de 16 de maio, de se dedicar todo inteiro a este trabalho beneditino”. [Buisson, in *La Vie ouvrière* n°106, 20 février 1914, p.213 (ms B.N.F. 182 (I-4))]. De seu lado, Guillaume escreve para sua esposa, em 31 de outubro de 1877: “Eu penso, antes de tudo, que me é impossível viver em Neuchâtel: eu não encontrarei trabalho [Guillaume havia sido condenado em 18 de agosto de 1877 a quarenta anos de prisão, depois de uma manifestação em Berna, que terminou com choques com a polícia; ele acreditava não mais encontrar alunos, na saída da prisão, para dar aulas]; é a questão do pão, em primeiro lugar, que me deixa em Paris...”. [Guillaume, *id.*, p. 304].

⁴⁴ No Dicionário Francês-Português (Porto, 1997) a palavra *cheville* significa *peça principa, essencial*; e *cheville ouvrière* como *cavilha mestra*. Nota da tradução.

⁴⁵ *Revue pédagogique*, 1932-1, p. 217.

⁴⁶ *La Révolution française. Revue d'histoire moderne et contemporaine publiée par la Société de l'histoire de la Révolution*, t.77, janv.-déc. 1917, pp. 12-13.

⁴⁷ Cf “Cordier”, “Dupain-Triel”, “Fèvre du Grand-Vaux”, “Mentelle”, “Montbart (Mme de)”,...

numerosas monografias sobre a história do ensino nos países estrangeiros e, a partir de outubro de 1880 – “Dordonha”- a maioria daquelas que são consagradas ao ensino nos departamentos. E ainda muitos verbetes por ele assumidos porque, no último momento, ou um colaborador responsável havia falhado ou um manuscrito enviado à Redação não podia ajustar-se à “sua mania de exatidão absoluta”⁴⁸, ao ponto de deixar desesperado o diretor da publicação, impaciente de terminar seus fascículos nos prazos fixados: “Quantas vezes já o reprovei por perder uma meia jornada para verificar um ponto de detalhe, um número, um texto, uma alegação! Quantas vezes também eu não ouvi os colaboradores do *Dictionnaire*, a começar por homens como Gréard, Pécaut, Ravaisson, Paul Bert, Rambaud, Jacoulet, para não falar que dos mortos, dizer o quanto eles admiravam esta consciência, esta religião da verdade, até nas mais pequenas coisas”⁴⁹.

É este trabalho editorial e redacional titânico realizado por Guillaume, junto ao afluxo contínuo de colaboradores novos, que permitiram a Buisson não somente concluir a publicação do seu *Dictionnaire*, mas ainda fazer dele, para o uso do mundo primário, um verdadeiro compêndio enciclopédico, erudito e militante, da República educativa. No entanto, a adesão coletiva dos autores, pelo menos a partir de 1882, à política escolar republicana e aos valores que a portam, não acarreta jamais a uniformidade do tom ou do discurso: quer se trate da importância das “humanidades clássicas”, do “método intuitivo” (pelos sentidos) para chegar ao saber, do lugar das “lições de coisas” ou do “método experimental”⁵⁰, dissonâncias são perceptíveis de um escritor pedagógico a outro. Por outro lado, a partida de colaboradores nostálgicos anti-republicanos e hostis à obra da Revolução não foi suficiente para polir a historiografia do *Dictionnaire*, que permanece partilhada entre diversas sensibilidades ideológicas⁵¹. Mas estas variações discretas, causadas por aspirações ou relações singulares, se anunciam sempre sobre um fundo temático comum, o de uma aliança de princípios entre as instituições republicanas e uma escola primária propagando a universalidade do povo - notáveis não incluídos -, uma instrução completa em sua ordem e secularizada - completada por uma educação das normas sociais e dos deveres do cidadão francês.

⁴⁸ *id.*, p.12.

⁴⁹ *id.*

⁵⁰ Sobre a pedagogia dos filósofos no *Dictionnaire*, Dubois (P.), “Les philosophes dans le *Dictionnaire de pédagogie et d’instruction primaire* de Ferdinand Buisson”, em *Pour une philosophie de l’éducation*, CNDP, 1994, pp.345-359.

⁵¹ Dubois (P.), *op.cit.*, 1994, pp.168-228.

Aproximadamente em 1907, o editor Hachette e Buisson combinam a preparação de uma nova edição do *Dictionnaire de pédagogie*, liberada da parte enciclopédica agora obsoleta, revista e ajustada às necessidades profissionais do ensino primário do início do século XX. O *Nouveau Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire* aparece em junho de 1911, em um volume de 2.100 páginas gr. in-oitavo. Não dispomos de nenhum documento relativo à equipe que procedeu, na editora Hachette sob a direção de Buisson, a este trabalho de preparação. No entanto, no número da *Vie ouvrière* de 1914, consagrado a James Guillaume por ocasião de seu septuagésimo aniversário, Buisson deixa entender que ele esteve, uma vez mais, a seu lado, a “cheville ouvrière” da obra: “Muito recentemente, trinta anos após nossa primeira colaboração, reencontrei James Guillaume disposto a refazer nosso, eu deveria dizer seu *Dictionnaire*... Ele manifestou, nesta publicação, se diferente da antiga, as mesmas qualidades de espírito de ciência e de consciência”⁵². Como na edição precedente, é provável que além de secretariar a redação, tenha também redigido um grande número de pequenas notícias não assinadas – elas constituem mais de 60% das entradas da obra –, em colaboração com F. Buisson; e, para a legislação e organização administrativa do ensino primário na França, em colaboração com A. Wissemans, o redator, depois da morte de M. Pichard, do *Code Pichard*⁵³.

Algumas semanas depois do aparecimento da obra, um artigo de Buisson no *Manuel général* explica a seus leitores em que o *Nouveau Dictionnaire*, no qual a “grande maioria dos verbetes” foi confiada a “novos homens”, é “outra coisa que uma nova edição, mesmo revista e corrigida, do livro que durante trinta anos é o *thesaurus* da ciência pedagógica”⁵⁴. Sem dúvida, a preocupação com a promoção comercial da nova obra, também junto aos detentores da edição precedente, explica esta apresentação. Entretanto, olhando um pouco mais de perto, a “novidade” proclamada por Buisson deve ser nuançada: dos 231 colaboradores que assinaram os verbetes nesta edição⁵⁵, 92 somente são novos e não assinaram 144 dos 1306 verbetes, com que conta esta nova edição. Uns trinta deles foram encarregados da situação do ensino primário nos países estrangeiros e nas colônias; outros vinte, das matérias de ensino; os últimos se dividiram entre as diversas instituições que gravitam em torno da escola primária, da

⁵². *La Vie ouvrière*, 20 février 1914, n°106, p.214.

⁵³ NDP, “Avis aux lecteurs”, p.VIII. A. Wissemans não assina na obra que o artigo “Algérie”.

⁵⁴ *Manuel général*, 11 juillet 1911, pp. 505-506.

⁵⁵ Para dar a cada um seu crédito, é preciso acrescentar aos 229 autores que figuram na “Lista des collaborateurs” do *Nouveau Dictionnaire* os nomes de Chassiotis (“Grèce”) e de Dethomas (“Eclairage”) que foram esquecidos.

organização material delas, de certas questões sociais interessantes à instrução e à pedagogia teórica – Durkheim é um entre eles.

Sem dúvida, olhando globalmente, esta segunda edição, publicada depois de trinta anos dos primeiros fascículos da edição precedente, oferece ao professor primário incontestáveis atualizações em numerosos domínios : a cartografia escolar se estende de agora em diante a todos os países da Europa, e seus impérios coloniais, aos das duas Américas, à África, à Ásia e às ilhas da Oceania ; os artigos relativos à legislação do ensino primário francês estão quase todos reformulados ; as novas instituições, associações e sindicatos de professores, obras pós-escolares, estabelecimentos para crianças retardadas ou anormais, etc. são objeto de notícias especiais ; os novos ensinamentos, a preparação militar, as leituras populares, os progressos registrados em matéria de higiene escolar foram, estes também, levados em conta ; as realidades - como a delinqüência dos menores ou a criminalidade - tiveram igualmente arranjos inéditos ; por outro lado, todos os ministros da Instrução Pública depois da Revolução fizeram agora sua entrada na obra ; e consagra longas notícias aos diversos artífices da reforma de ensino popular do fim do último século, falecidos entre as duas edições : Jean Macé, Félix Pécaut, Henri Marion, etc.

Por outro lado, a edição de 1911 é também “nova” pela supressões e remanejamentos que foram impostos ao texto da primeira edição. A parte enciclopédica desta foi abandonada. As notícias dos departamentos e províncias, as rubricas “países estrangeiros” que figuravam ao fim de diversos artigos gerais também não foram repetidas. Numerosos verbetes também foram julgados “acessórios” e não foram reeditados, provavelmente devido ao formato reduzido da nova edição. Isso principalmente pode tornar a historiografia do *Dictionnaire* mais coerente, fazendo desaparecer os verbetes inspirados por uma historiografia católica ou anti-republicana. Continuando o “agggioramento” historiográfico empreendido por James Guillaume durante o curso da primeira edição, o *Nouveau Dictionnaire* apresenta ao leitor uma moldagem histórica mais homogênea, cujo episódio revolucionário aparece como um eixo central. Entretanto, a historiografia do *Nouveau Dictionnaire*, agora plenamente consagrada ao princípio republicano, permanece múltipla, atravessada pelas sensibilidades republicanas diversificadas – moderados ou radicais -, e regrada sobre as metodologias heterogêneas – história erudita ou “crítica”, representada quase emblematicamente pelas contribuições de James Guillaume ou de Gabriel Compayré.

Do mesmo modo, não foram retomados em 1911 nem os verbetes, redigidos antes de 1879, que defendiam os princípios de um ensino público confessional – “Bíblia”, “Coração”, “Dever” ; nem mesmo um certo

número de notícias de inspiração espiritualista impregnadas de uma forte religiosidade - as de Elie Pécaut, que em 1911 pareciam velhas senão antiquadas. É que, em três décadas, o mundo dos professores primários havia mudado muito. Numerosos fatores - o caso Dreyfus, a luta contra as congregações, a lei de Separação de 1905, a organização de redes corporativas, associações depois sindicatos, a penetração das idéias socialistas - tinham pouco a pouco afastado muitos mestres da prática e da fé católica. O fervor "laico" - foi fortemente colorido de espiritualismo - das primeiras gerações de diretoras e diretores de escola normal formados nas escolas normais superiores de Fontenay e de Saintr-Cloud, sem dúvida também contribuiu para isso. De agora em diante, a indiferença religiosa, o agnosticismo, o livre pensar, o ateísmo fazem seu caminho nos espíritos e atingem não apenas a fé religiosa mas mesmo o ardor espiritualista das gerações republicanas de 1880, ao ponto de deixar totalmente anacrônicos, para muitos, o ensino dos "deveres para com Deus"⁵⁶. Buisson - redator da lei que suprime o ensino das congregações, presidente da comissão de separação das Igrejas do Estado - esteve presente na primeira linha dos questionamentos progressivos dos princípios filosóficos e políticos do regime concordatário. Suas convicções pessoais tinham evoluído com as de muitos seus contemporâneos. A coloração religiosa de seu protestantismo liberal tinha sensivelmente enfraquecido. Sua rejeição absoluta de todos os dogmas alcançava também, de agora em diante, a metafísica espiritualista dos tempos fundadores da IIIª República.

Mas no que concerne à pedagogia teórica, o *Nouveau Dictionnaire* não oferece uma mudança em relação à edição anterior. Entretanto, apresentado como uma "obra nova que responde às necessidades novas" (*Prefácio*), era pouco concebível que não fizesse apelo, para uma atualização de sua pedagogia teórica, àquele que ocupa agora a cadeira mais prestigiosa de "ciência da educação", da Sorbonne, e a impor sua escola como a representante mais autorizada desta ciência⁵⁷: Emile Durkheim, pai da institucionalização universitária da sociologia, reconhecida como uma ciência - ciência dos "fatos sociais". Sua colaboração surpreende pela extensão limitada, reduzida aos dois verbetes "Educação"⁵⁸ e "Pedagogia" e ao remanejamento da notícia "Infância". Assim, os dois verbetes inéditos "Moral" e "Religião" não foram

⁵⁶ Desde 1901, a Liga de Ensino havia emitido a promessa de que fossem suprimidos dos programas. Em 1909, os novos programas do ensino primário superior não os mencionam mais, como os de 1885, "os deveres religiosos e direitos correspondentes"; e os das escolas normais, reformados em 1905, foi abandonada toda referência à "vida futura e Deus".

⁵⁷ Mucchielli (L.), *La découverte du social. Naissance de la sociologie en France*. Ed La Découverte, 1998.

⁵⁸ Que retoma vários trechos de sua lição de abertura do curso de Ciências da Educação na Sorbonne em 1902.

confiados ao sociólogo, que entretanto havia feito da educação moral objeto de seu primeiro curso de Ciências da Educação na Sorbonne⁵⁹ e que, a partir de 1907, proferiu um curso sobre as origens da vida religiosa⁶⁰. Mas o conteúdo mesmo dos verbetes assinados por ele justifica o lugar contido que ocupa na obra: em algumas páginas, efetivamente, instalam no *Dictionnaire* um modo inédito de problematização das práticas educativas, que vem minar os pressupostos teóricos da pedagogia filosófica dos anos de 1880⁶¹.

Com efeito, ao mesmo tempo, conseguiu fazer com que ela fosse levada em consideração pelo sociólogo da funcionalidade social das práticas educativas, tornando em um só golpe obsoletas todas as definições de educação fundadas sobre o postulado de uma norma universal da perfeição educativa. Assim pode recusar o formalismo da definição kantiana de educação – “desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição que ele é suscetível” (id, 530 A) -, esquecido do fato de que nenhuma sociedade jamais tolerou em seu meio o desenvolvimento das “perfeições” individuais, que serão “mortais” para ele como o individualismo na cidade romana ou o livre exame nas sociedades cristãs da Idade Média. Também, para determinar os fins e os meios da educação, é em direção à história e à sociologia, e não mais à filosofia espiritualista, a pedagogia que se vê racional deve de agora em diante se voltar; paralelamente, uma psicologia “infantil” e “coletiva” regrada por uma metodologia experimental deve substituir a “ciência” das “faculdades da alma”; de obediência metafísica. Estas análises são desiguais aos grandes textos espiritualistas dos filósofos-pedagogos do primeiro Dicionário, os de Compayré, de Marion, de Félix Pécaut ou de Buisson. Estes, no entanto, reimpressos na nova edição, continuam a formar a ossatura teórica da obra. Sem dúvida, eles carregam o testemunho destes anos de militância da pedagogia republicana, em que uma doutrina racional e secularizada dos fins e meios da instrução do povo havia de ser definida em um contexto cultural dominado pelas influências pluri-seculares da Igreja. Mas não foi apenas isso. Em 1911, o sucesso universitário da jovem sociologia não afetou os conteúdos da psicologia pedagógica difundida nas escolas normais superiores do ensino primário e nas escolas normais, que permaneciam massivamente ancoradas sobre o espiritualismo dos anos 1880. A escola não

⁵⁹ *L'éducation morale*, P.U.F., 1963 (1^{ère} édition, 1922).

⁶⁰ Durkheim, *Textes*, II, *op. cit.*, p.65 e seguintes

⁶¹ Sobre este ponto, Dubois (P.), “L'effet Durkheim dans le Nouveau Dictionnaire de Pédagogie”, *L'année de la recherche en sciences de l'éducation*, 1996, P.U.F, 1996, pp.263-275. Buisson não ignorava evidentemente a qualidade do aporte científico que o diretor de *L'Année sociologique* trouxe ao seu Dicionário. Desde o exame dos candidatos à suplente de sua cadeira, em 1902, ele havia apoiado por estas palavras as de Durkheim: “M.Durkheim é um sociólogo de primeira ordem, mas a pedagogia não é uma província da sociologia?” [citado por Gautherin (J.), *op. cit.*, p.369].

tinha doutrina de substituição, como mostram as contribuições inéditas de Buisson no *Nouveau Dictionnaire*: elas reconhecem o avanço teórico do nascimento de uma ciência dos fatos sociais, e se afastam aparentemente à aposentadoria do espiritualismo filosófico dos anos fundadores da escola republicana⁶². Mas, ao mesmo tempo, a familiaridade de uma educação moral da infância simplesmente utilitária, os conduzia a uma montagem teórica arriscada, à pretensão científica, colocando a realidade em cada indivíduo de uma “intuição moral”, “orientação essencial da alma”, que os faz desejar “espontaneamente e imediatamente” o ideal moral, pelo efeito dos lentos esforços das “inúmeras gerações” através dos quais cada indivíduo lucrará pela hereditariedade psicológica⁶³.

A republicação do *Dictionnaire*, depois de três décadas de instalação da escola republicana, ofereceu ao mercado editorial um novo *thesaurus* da instrução primária - em um formato reduzido e liberado dos numerosos verbetes tornados ultrapassados pelos novos textos oficiais, ou dos que, publicados antes de 1882, estavam inspirados por uma historiografia católica e anti-republicana. Estes verbetes foram substituídos por novas entradas, que alargaram o olhar do mundo docente através dos continentes e dos impérios coloniais recentemente abertos à estatística escolar, e em direção a realidades sociais inéditas ou não percebidas até então. Assim reduzido e quase chegando às dimensões de um grosso manual, a nova obra incontestavelmente ganhou em coerência e confiabilidade. Mas perdeu, ao mesmo tempo, o entusiasmo conquistado, o fervor enciclopédico da edição precedente, que animavam numerosos verbetes de conteúdos eruditos muitas vezes longe das realidades cotidianas da instrução primária do fim do século XIX. E no que se refere à pedagogia teórica da obra, a coesão teórica do novo conjunto doutrinário é relativa. A introdução das contribuições de Durkheim, na verdade, é o princípio das novas tensões, tanto com os artigos dos filósofos-pedagogos da primeira edição - que foram largamente reproduzidos na segunda e que questionam o espiritualismo subjacente - como com os textos inéditos de Buisson, que, apesar do reconhecimento dos aportes da ciência social, ainda permanecem hostis a estes requisitos teóricos.

⁶² Mas sem uma verdadeira recusa, pois o artigo "Intuition" de 1882 foi integralmente reproduzido em 1911.

⁶³ Art. "Morale". Dubois (P.), *op. cit.*, p.271-273.